

## TERESINA EM SUA GEOGRAFIA E POESIA

Maria de Fátima Macêdo **LANDIM**

Mestre em Geografia. Docente Educação Básica da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.  
fmlandim@hotmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/8459479861067121>

Maria Francisca Silva de **OLIVEIRA**

Mestre em Geografia. Docente Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Maranhão.  
mafrangeo@hotmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/1323864476453495>

---

**RESUMO:** As reflexões encetadas no presente artigo o fazem acerca da produção e organização do espaço urbano de Teresina (PI) apreendendo a cidade em sua fundação e evolução, formas e conteúdos, à luz do cenário histórico-geográfico piauiense abordando-a, também, em sua dimensão simbólica considerando as representações criadas por autores, poetas piauienses. A construção teórica ancorou-se na pesquisa bibliográfica, documental e levantamento fotográfico recorrendo à contribuição de Andrade (2007, 2010), Façanha (1998) Harvey (2005, 2011), Dobal (1992), Macambira (2000), Martins (2003), Santana (2008), Santos (2009, 2009), Santos e Elias (2008), Viana (2005) entre outros autores. A realidade interpretada revelou que a cidade, contemporânea ao seu tempo, consoante a trajetória piauiense multifacetou-se socioespacialmente suscitando em suas distintas paisagens representações simbólicas, fomentando percepções geográficas e poéticas. As reflexões encontram-se estruturadas em três abordagens: “Teresina no cenário piauiense”, “Teresina em sua geografia”, “Teresina em sua simbologia e poesia”.

**Palavras-chave:** Evolução Urbana. Cidade. Simbologia. Geografia. Poesia.

## TERESINA IN GEOGRAPHY AND POETRY

**ABSTRACT:** Summary: The reflections undertaken in this article do about the production and organization of the urban area of Teresina (PI) seizing the city in its founding and evolution, form and content, in the light of Piaui historical and geographic setting addressing it, too, in its symbolic dimension considering the representations created by authors, poets Piaui. The theoretical construction was anchored in the bibliographical, documentary and photographic survey research using the contribution of Andrade (2007, 2010), Façanha (1998) Harvey (2005, 2011), Dobal (1992), Macambira (2000) Martins (2003), Santana (2008), Santos (2009, 2009), Santos and Elias (2008), Viana (2005) among other authors. The reality interpreted revealed that the city, contemporary to his time, according to Piaui path is multifacetou socioespacialmente-raising in its different landscapes symbolic representations, promoting geographical and poetic insights. The reflections are based on three approaches:

"Teresina in Piauí scenario", "Teresina in its geography", "Teresina in sus symbolism and poetry."

**Keywords:** Urban Evolution. City. Symbology. Geography. Poetry.

## TERESINA EN GEOGRAFÍA Y POESÍA

**RESUMEN:** Las reflexiones llevadas a cabo en este artículo acerca de la producción y organización de la zona urbana de Teresina (PI) el aprovechamiento de la ciudad en su fundación y evolución, forma y contenido, a la luz del contexto histórico y geográfico Piauí frente a él, también, en su dimensión simbólica teniendo en cuenta las representaciones creadas por autores, poetas Piauí. La construcción teórica anclado en la literatura, el documental y la encuesta fotográfica mediante la aportación de Andrade (2007, 2010), Façanha (1998) Harvey (2005, 2011), Dobal (1992), Macambira (2000), Martins (2003), Santana (2008), Santos (2009, 2009), Santos y Elias (2008), Viana (2005), entre otros autores. La realidad interpretada reveló que la ciudad, contemporánea a su vez, de acuerdo a la ruta de Piauí es multifacetou socioespacialmente de fondos en sus diferentes paisajes representaciones simbólicas, promoviendo conocimientos geográficos y poéticas. Las reflexiones se basan en tres enfoques: "Teresina, en Piauí escenario", "Teresina, en su geografía", "Teresina, en el simbolismo del sus y la poesía."

Palabras clave: Urban evolución. City. Simbología. Geografía. Poesía.

## INTRODUÇÃO

A geografia do espaço urbano é multifacetada. Mobiliza distintos processos - econômicos, políticos, históricos, sociais - engendrados por sucessivas, dialéticas e simultâneas relações sociais e espaciais materializadas na cidade, sua matriz. Parametrizada pelas possibilidades criadas por tais processos, a cidade constrói sua identidade. Distintiva, revela em suas formas a distribuição espacial da divisão social do trabalho consoante à participação de "agentes sociais concretos" (CORRÊA, 1988, p.11) que se apoderam de frações do espaço dentro de uma lógica capitalista de produção.

Assim concebida, a cidade é "[...] lugar de ebulição permanente" (SANTOS e ELIAS, 2008a, p. 61) redimensionando valores de troca e de uso consoante o movimento da sociedade que a produz e da velocidade técnica de suas transformações. Abarca distintos níveis de produção. É espaço de consumo, atribuindo a cada uma de suas parcelas um sentido, posto que "[...] o mudar e o transformar da cidade conduz invariavelmente a formas de realização e de valorização da vida nela mesma", justifica Andrade (2007, p. 17).

Produto histórico-social, a cidade conforme Lefebvre (2007, p. 47) "[...] é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas [...]". Nas palavras de Santos (2009, p. 319) é "[...] fábrica de relações

numerosas, frequentes e densas. [...] matrizes de trocas simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam”. Portanto, sua organização espacial contempla uma dimensão simbólica, “[...] envolve especificidades que dizem respeito à cultura, aos hábitos, costumes, etc., que produzem singularidades espaciais [...]”, complementa Carlos (1996, p. 86).

É, pois, nesse contexto multidimensional do urbano que a cidade de Teresina se espacializa na porção Centro-Norte do Piauí com seus 814.230 habitantes (IBGE, 2010), repleta de contradições configuradas em suas paisagens onde se inscrevem valores culturais que, celebrados, asseguram sua identidade e a continuidade de sua história que se encontra imbricada à trajetória socioeconômica do espaço piauiense, da qual a compreensão de sua produção e organização não podem se distanciar.

Nessa perspectiva as reflexões que aqui se colocam objetivam adentrar na organização urbana de Teresina imiscuindo-se em suas formas, conteúdos e simbologias, apreendendo a dinâmica de produção socioespacial de sua fundação e evolução até a década de 1990, em uma perspectiva geográfica e simbólica criada por poetas teresinenses, posto que ao “resgatar o vivido e as subjetividades, atribui-se à análise espacial maior amplitude para desvendar aspirações e valores pertinentes aos grupos humanos, refletindo-os na organização espacial” (MENDONÇA e KOZEL, 2004, p. 216).

As incursões perpassam pela pesquisa bibliográfica, documental e se acresce de levantamento fotográfico capturando a cidade em suas paisagens. As reflexões encontram-se estruturadas em três abordagens. A primeira, “Teresina no cenário piauiense” faz um sucinto retrospecto da organização do espaço piauiense, essencial à contextualização da fundação da capital. A segunda abordagem, “Teresina em sua geografia” aborda a cidade em suas formas e conteúdos destacando processos, funções imbricadas na sua produção. A terceira, “Teresina em sua simbologia e poesia” retrata a simbologia contida em suas paisagens considerando as representações sociais captadas por poetas piauienses.

## **TERESINA NO CENÁRIO PIAUIENSE**

Teresina emergiu da necessidade de tirar o Piauí do isolamento e atraso econômico, desempenhando papel crucial para o desenvolvimento socioeconômico do mesmo desde que foi fundada na Vila Nova do Poti, em 1852, sob a ótica da produção capitalista para a qual “[...] o espaço aparece, em primeiro lugar, como mera inconveniência, uma barreira a ser superada [...]” (HARVEY, 2005, p. 145). Surgiu com status de cidade-sede da capitânia em

substituição a Oeiras que - detentora da função - não conseguira impulsionar o desenvolvimento do Estado.

A realocação da cidade-sede visava criar condições geográficas estratégicas para maior navegabilidade, escoamento da produção e comunicação com outros núcleos urbanos da região. Distante do rio Parnaíba, Oeiras “[...] localizada na área centro-sudeste, inviabilizava esse processo. [...] Além disso, objetivava-se que a futura capital assumisse, de fato, a função administrativa, soerguendo a economia do Estado” (FAÇANHA, 1998, p. 24). O Piauí encontrava-se permeado de vulnerabilidades, face à sua débil economia amparada em relações econômicas pré-capitalistas baseada na pecuária extensiva aliada a agricultura de subsistência destinada ao suprimento das fazendas, precursoras de seu processo de ocupação e povoamento no final do século XVII.

As fazendas orientaram a dinâmica de organização do espaço piauiense do interior para o litoral. A configuração espacial apresentava-se dispersa e desarticulada fomentando relações de dependência com outros mercados, o que muito contribuiu para a situação de crise da economia piauiense que perdurou até o final do século XVIII. Santana (2008, p. 116-117) comenta que,

[...] O caráter do povoamento se definiu, assim pela pecuária, durante o qual houve luta contra o índio, enquanto as fazendas espalhavam-se pelo interior piauiense, sem que houvesse comércio entre elas, o que deu origem a certo complexo rural. Mas, no Piauí, também a pecuária não se constituiu em ciclo [...] apresentou sempre caráter de subsistência, limitando, por isso mesmo, as fronteiras econômicas aquém e além do Piauí (SANTANA, 2008, p. 116-117).

As fazendas, também, constituíam embriões de expressão cultural e política, redundando na formação de elites agrárias, tendo em seus coronéis o patrono de futuras oligarquias. Outro desdobramento da dependência econômica com comportamentos de centros mais desenvolvidos foi o atraso do aparelhamento técnico do Piauí que, por sua vez resvalou em um processo de urbanização acanhado. E, embora tenham principiado mudanças, até o final do século XIX,

[...] predominaram na economia piauiense a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência. Posteriormente destacou-se o extrativismo vegetal através da exploração da borracha de maniçoba, da cera de carnaúba, e da amêndoa [...] voltada para o atendimento das demandas por essas mercadorias no mercado interno brasileiro e no mercado internacional (MACAMBIRA, 2000, p. 44).

Foi nesse contexto que na primeira metade do século XX expectativas de crescimento se voltaram para o litoral - fomentadas pela inclusão do Piauí no comércio mundial - encetadas pela ascensão da navegação a vapor e da indústria articulada ao extrativismo que,

não conseguiu alavancar a economia piauiense face à já citada situação de dependência. A indústria da mesma forma que avultara, no contexto pós-guerra declinara. Conquanto, ainda que incipiente fortaleceu a organização urbana Teresina e de outras cidades (Parnaíba, Floriano, Amarante e União) localizadas às margens do rio Parnaíba.

Teresina, assumiu a função de centro administrativo do Estado e de entreposto comercial, destacando-se, atraindo indústrias do ramo têxtil e alimentício. Porém, o Piauí sem grandes produções importava transferindo capital para outros mercados, tolhendo a modernização da indústria em seus limites físicos. Martins (2003, p. 135) relata que,

O mercado interno era abastecido pelo pequeno excedente extraído do setor de subsistência, no tocante a produtos primários; por alguns estabelecimentos industriais, no que se refere à transformação de produtos primários locais; pelos Estados vizinhos, quanto a produtos manufaturados leves; e pelo setor de mercado externo, para bens que exigissem maior elaboração industrial, como bens duráveis e máquinas [...] como substancial parcela da rede de comercialização do setor de mercado externo formada por companhias de navegação e de seguros, armazéns, lojas importadoras, exportadoras, etc., apresenta-se em mãos de companhia e/ou de representantes de companhias estrangeiras, tem-se que apreciável parcela da acumulação interna é remetida para o exterior, esvaziando as possibilidades de formação de capital e dificultando a diversificação da produção do Estado.

Essa foi a realidade configurada até a década de 1940 face ao letárgico desempenho industrial. Segundo o anuário estatístico do IBGE (1950) até o final da aludida década, o Piauí contava com 142 estabelecimentos industriais no ramo alimentício, 14 no têxtil, 14 no químico e farmacêutico. Desse total 20 estabelecimentos encontravam-se em Teresina sendo aí criada a Federação das Indústrias do Estado do Piauí (FIEPI) em 1954. Com esse cenário o comando da vida urbana no Estado coube a Teresina, juntamente com as cidades de Parnaíba e Floriano, por décadas.

Diante do retratado desenvolvimento industrial, o Piauí norteou seu desenvolvimento por outra vocação econômica postergando ao setor terciário maior parcela de contribuição em sua organização espacial. O suporte veio do Estado, seu maior proventor e consumidor. Assim, em um contexto de políticas promovidas pelo governo federal, nos anos de 1950 o processo de urbanização se acentuou sendo criadas inúmeras cidades. Em se tratando de Teresina, beneficiada por investimentos em rodovias e comunicações, ascendeu no setor de serviços avultando nas áreas da saúde, educação e comunicação.

A capital piauiense assumiu "[...] o papel principal na economia de mercado interno, à medida que aumenta a importância das vias internas como suportes da comercialização interestadual e estadual [...] abrindo o mercado piauiense aos produtores regionais”

(MARTINS, 2003, p. 139-140). Teresina ratificou-se como principal centro urbano do Piauí, cuja produção e organização são agora objetos de reflexões.

### **TERESINA EM SUA GEOGRAFIA**

Teresina é marcada por singularidades. Sua localização no interior do Piauí a configura como a única capital do nordeste brasileiro “não litorânea”, contrariando um padrão de urbanização comum às demais da região, norteado pelo processo de industrialização. Acrescente-se sua organização espacial inicial planejada, configurada a partir da Igreja do Amparo (figura 1), seu marco inicial.

Figura 1 - Igreja do Amparo - Centro de Teresina



Fonte: Landim, 2016.

A partir do citado marco foram traçadas “[...] ruas em linha reta, cruzando-se umas com as outras, dando-lhe a forma de tabuleiro de jogo de damas” (NUNES e ABREU, 1996, p. 96). Munindo-se de dialéticas possibilidades aos propósitos a que se destinara, Teresina criou formas, imprimiu conteúdo social ao espaço previamente dado reiterando o pensamento de Santos (2009, p. 109) quando diz que,

Não existe dialética possível entre formas enquanto formas. Nem a rigor, entre paisagem e sociedade. A sociedade se geografiza através dessas formas, atribuindo-

lhes uma função que, ao longo da história, vai mudando. O espaço é a síntese, sempre provisória entre o conteúdo social e as formas espaciais. Mas a contradição principal é entre sociedade e espaço, entre um presente invasor e ubíquo que nunca se realiza completamente, e um presente localizado, que também é passado objetivado nas formas sociais e nas formas geográficas encontradas.

Norteadas pela iminente necessidade de sua urbanização e ocupação efetiva, a capital orientando-se por essa geometria edificou suas bases territoriais estruturando-se física e socialmente, incorporando um conjunto de arranjos institucionais e estruturas administrativas, atraindo capital e população, posto que “[...] dominar espaço implica na produção de espaço. [...] as infra-estruturas necessárias absorvem capital e força de trabalho na sua produção e manutenção [...]”, explica Harvey (2005, p. 149). Seu processo de urbanização se fez paulatino até a década de 1950, ganhado maior expressão a partir da década de 1960.

Na criação dos novos arranjos a cooptação de forças capitalistas aliadas a estratégias políticas, em suas diferentes esferas, foram cruciais à sua evolução propalando que a urbanização além das formas “[...] também estabelece determinados arranjos institucionais, formas legais, sistemas políticos e administrativos, hierarquias de poder, etc. [...]” (HARVEY, *ibidem.*, p. 170). Assim, a partir dos anos de 1960 a cidade foi acrescida de conteúdos pela construção de conjuntos habitacionais populares (Zonas Norte e Sul), refletindo políticas habitacionais de âmbito federal apoiada no Banco Nacional de Habitação (BNH) criado em 1964 e da **Companhia de Habitação do Piauí (COHAB-PI)**, seu correspondente local.

Desvelando uma intrínseca relação entre a estrutura política e a socioeconômica, os investimentos em infraestrutura e em condições de fluidez multiplicaram o número de fluxos na cidade, que em uma modelagem antitética, dando continuidade ao seu movimento de expansão seguindo a direção leste, transpondo o rio Poti - sob a lógica capitalista de apropriação seletiva do espaço - foi acrescida de bairros de elevado padrão aquisitivo na Zona Leste configurando uma área de segregação socioespacial atendendo à demanda da população de elevado poder aquisitivo atraída pelas amenidades e que habitava o centro.

Paralelamente a essa fragmentação e hierarquização do espaço urbano de Teresina surgiu a necessidade de gestão da cidade, ou seja, de um acompanhamento sistemático de regulação da ocupação, uso e zoneamento do solo, de um “controle” do processo da produção urbana, sendo a partir de então elaborados sucessivos “instrumentos” de gerenciamento urbano, a exemplo do Plano Diretor Local Integrado (PDLI), do I Plano Estrutural de Teresina (I PET), do II Plano Estrutural de Teresina (II PET) do Conselho de Desenvolvimento Urbano (CDU), de leis, indispensáveis à racionalização do uso do espaço.

A capital apresentou desenvolvimento acanhado nos anos 1960. Não obstante, tenha sido criado nessa década todo um aparelhamento de representação política da indústria, esta só conseguiu dinamizar a organização da cidade nos anos de 1970 quando se instalaram unidades produtivas voltadas a construção civil, bebidas, confecções, alimentos, moveis, entre outras, fomentadas pela construção da hidroelétrica de Boa Esperança. O setor terciário recrudescceu, seja pela diversificação e especialização ou descentralização do comércio e serviços junto aos novos conjuntos habitacionais instalados (Zonas Sul e Sudeste).

Os processos desencadeados entre 1960 e 1970, cruciais à criação de infraestruturas na cidade, ilustram o quanto a sociedade ao atribuir “[...] novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço [...] criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo como novos pontos de partida para um novo movimento” (SANTOS, 2009a, p. 106). No contexto dos anos de 1980, a cidade se tornou densamente povoada e complexa. Autorizou novos comportamentos socioeconômicos à medida em que foi acrescida de novos conjuntos habitacionais - com destaque para os residenciais de apartamentos - e de centros comerciais nas grandes avenidas, produtos da descentralização comercial.

Acrescente-se, o processo de favelização que deu visibilidade às discrepâncias socioespaciais, reiterando a presença de forças produtivas - proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, do Estado e dos grupos sociais excluídos - na produção da cidade, onde se intercambiam fixos e fluxos. “[...] os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral [...] os fluxos são o movimento, circulação [...] os fixos provocam fluxos [...]” (SANTOS, 2008a, p. 86).

Tal cenário suscitou políticas, já que, “[...] a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial [...] manifesta em bairros e sítios tão contrastantes [...] formas de trabalho e de vida [...] ampliam a necessidade e as formas da divisão do trabalho [...]” (SANTOS, 2009, p. 323). Foi esse o contexto que impulsionou Teresina até os anos de 1980 a fundar as bases para sua modernização, que ganhou impulso na década de 1990. A cidade intensificou fluxos de pessoas e de capital, ampliou limites físicos e condições de fluidez. Acirrou disparidades com a edificação de novos bairros, vilas, favelas, residenciais populares, modernos condomínios fechados de casas e apartamentos (figura 2).

Figura 2 - Condomínios Verticalizados - Zona Leste de Teresina



Fonte: Landim, 2016.

Merece destaque a construção dos dois *shoppings centers*, entre 1995 e 1996, o Teresina Shopping (figura 3) e o Riverside Walk, na Zona Leste da cidade, ratificando “a valorização diferencial das diversas frações do território urbano “[...] uma vez que o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais” (SANTOS, 2009b, p. 106).

Figura 3 - Teresina Shopping - Zona Leste de Teresina



Fonte: Landim, 2016.

A instalação desses centros comerciais reflete o crescimento do setor terciário na cidade e justifica-se pela circunscrição da produção industrial a pequena e média empresa imputando-lhes o comando do mercado. Estrategicamente localizados em uma área abastada, reiteram que cada “[...] lugar, dentro da cidade, tem uma vocação diferente, do ponto de vista capitalista, e a divisão interna do trabalho a cada aglomeração não lhe é indiferente” (SANTOS, 2009a, p. 125). Essas mudanças ocorreram no contexto de retração do Estado e avanço da territorialização do capital na cidade. VIANA (2005, p. 69-70) comenta que,

A década de 1990 é caracterizada pela crise no setor habitacional devido à redução das políticas habitacionais na “forma e qualidade”, inibindo a produção de habitações populares. Este fato irá contribuir para a ampliação do processo de favelização da capital e o agravamento das condições de vida dos cidadãos. Mas por outro lado, é nesse período que ocorre a consolidação do processo de verticalização da cidade de Teresina, deixando mais evidente a segregação existente na cidade e a atuação dos agentes imobiliários, que agem sobre o espaço urbano produzindo e reproduzindo o seu capital [...].

Reitere-se que a criação de áreas segregadas reforça o caráter corporativo da cidade, do usufruto de seu solo por grupos hegemônicos dos ramos da construção e imobiliário validando que “[...] formas novas, criadas para responder as necessidades renovadas, tornam-se mais exclusivas, mais endurecidas, material e funcionalmente [...] tanto do ponto vista das técnicas implicadas como de sua localização [...]” (SANTOS, 2009, p. 251). Dado o seu dinamismo, Teresina combina formas espaciais, misturando o moderno e o antigo, aqui representado pelo teatro da cidade (figura 4) revelando em seu movimento diferentes ordens temporais que se sucedem.

Figura 4 - Teatro Quatro de Setembro - Centro de Teresina



Fonte: Landim, 2016.

No contexto dessas transformações, subordinada à lógica do mercado, Teresina cingiu-se de distintas produções revelando que,

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se faz um objeto no passado era a lógica da produção naquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre outra, é conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de diferentes momentos [...]. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais [...]. Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai se tornando cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes às inovações (SANTOS E ELIAS, 2008, p. 73-74).

Assim, no decurso de suas transformações e contradições a cidade Teresina se globalizou, tornando-se em “espaço da modernização contemporânea” (SANTOS, 2009b, p. 114) reificado em seu movimento de metropolização em 2001, pela criação da Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina, formada por 13 municípios piauienses além de Timon (MA) seu vizinho município. A RIDE tem como objetivo articular e harmonizar as ações administrativas da União, dos estados e dos municípios para a promoção de projetos que visem à dinamização econômica e provisão de infraestruturas necessárias ao desenvolvimento em escala regional (SEPLAM, 2016). Sendo, “a um só tempo, passado, presente e futuro” (SANTOS, 2009, p. 156), Teresina metamorfoseia-se em suas paisagens carregadas de simbologias, retratadas na próxima abordagem.

## **TERESINA EM SUA SIMBOLOGIA E POESIA**

Pensar Teresina simbolicamente requer, abstrai-la em sua paisagem considerando que esta antes de adquirir um significado estético deve estar primordialmente relacionada a uma experiência territorial, geográfica, compreendendo-a como espaço objetivo da existência, resultante da relação entre o natural e o cultural, das reações humanas diante da natureza, consoante suas experiências. Dessa forma, Teresina abraçada e emoldurada por dois grandes rios desperta distintas visões conforme se processam as relações de vivências em seu espaço.

Nessa perspectiva a população que reside em Teresina lança olhares diferenciados para ela, cuja percepção é elaborada pela relação de vivência e de afetividade com seu espaço. Por conseguinte, aqueles que nela não residem, mas dela usufruem podem ter uma visão mais distanciada, desprovida de afeto. Mesmo assim, embora ambos não partilhem inicialmente do mesmo tipo de percepção, comunicam-se pelo objeto, a paisagem urbana. Dessa forma, como bem diz Calvino (1990, p. 115) “[...] a cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar [...]”.

Assim, enquanto produto social a paisagem urbana de Teresina guarda marcas em suas formas constituindo um híbrido de objetividade e subjetividade. Em sua objetividade é “fluída” passando ao longo de sua evolução por metamorfoses previsíveis no espaço físico, nos aspectos econômicos e demográficos. Contudo, as simbologias, a cultura, a poesia, encantos e sentimentos de pertencimento adquiridos na vivência em sua subjetividade são “sólidos”. Estes, são indissipáveis, se eternizam de geração para geração validando sua história.

É desse modo que Teresina em sua evolução, imbricada à trajetória histórico-geográfica do Piauí, metaforicamente contempla uma fluidez, posto que a modernidade que a norteia de diversas maneiras assemelha-se com os fluidos na medida em que esta não se mostra cristalizada, não se prende a qualquer forma e está sempre propensa a evoluir, sujeita a mudanças de paradigmas onde o fator primordial não é o espaço e sim o tempo, já que, a perspectiva de mudanças, associa-se à mobilidade e inconstância.

Destarte, em uma perspectiva cultural percebe-se que em sua dinâmica interna quando se deu conta a “antiga” Teresina - dos festejos de São João, onde se acendiam as fogueiras nas ruas, do boi em frente ao Palácio do Governo, das casas de palhas, da vida pacata - cedeu à “moderna” Teresina - agitada, verticalizada, efêmera - com dinâmica frenética comum à demais capitais. Contudo, o sentimento de pertencimento de seus habitantes e a afetividade de seus visitantes permanecem, posto que evoluir é preciso, mas sem relegar a história, afinal o presente é referência do passado e perspectiva de futuro.

Teresina combina diferentes temporalidades que se contrapõem e se completam no cenário de modernização, imanente à evolução no mundo globalizado onde o tempo é fugaz e conta a história da cidade, comunicada muitas vezes em escritos literários, poeticamente. Andrade (2010, p. 112) comenta que “as árvores, o sol, os rios Parnaíba e Poti, as lagoas, o relevo plano” são exemplos que ilustram os textos de escritores que a retratam. Nesse sentido, ao refletir sobre o calor e a paisagem de Teresina, a quem chama de “cidade ardente”, o poeta Dobal (1992, p 131.) o faz dizendo que,

Hoje não existe mais aquele imenso arvoredo a que se refere os cronistas do tempo, mas ainda pode-se dizer que é uma cidade velada pelas árvores. Mangueiras, oitizeiros dão a sua sombra como frágil proteção contra o sol. O sol é muito claro como se estivesse para sempre em desespero, há excesso de luz nessa cidade.

Tratam-se de características peculiares que confere publicidade a capital sobretudo em torno do título de cidade do calor, imagem que o escritor Tito Filho tentou desconstruir em

suas obras - “Teresina meu Amor” (1974), “O mito do Calor” (1981) e “Crônica do Calor” (1989) - e, que em um de seus escritos faz a seguinte reflexão,

Leio os jornais de Teresina deste começo de semana. Uns dois deles publicam notícias espantosas sobre o clima reinante na cidade. Gente debaixo de muito sofrimento. Água em quantidade para que evitem desidratações nas crianças e nos idosos. Calor infernal. [...]. Outro matutino estampa a notícia de que um avião deixou de levantar vôo por causa da quentura danada, fato que se verificaria em qualquer lugar cuja temperatura tivesse condições idênticas (TITO FILHO, 1974, 19, apud ANDRADE, 2010, p 117).

É nessa direção que a capital piauiense - fonte simbólica de diversidade cultural e memória - desperta o interesse de poetas piauienses que, em suas diferentes interpretações congregam a relação entre a literatura e a cidade, objetivando-a através de múltiplos discursos e olhares, em representações espaciais advindas “[...] de um vivido que se internaliza nos indivíduos, em seu mundo, influenciando seu modo de agir, sua linguagem, tanto no aspecto racional como no imaginário, seguidas por discursos que incorporam ao longo da vida” (MENDONÇA e KOZEL, 2004, p. 221).

Assim, ao ser retratada como lugar - em sua natureza, história e memória - Teresina revela que, a “[...] aparência e essência implícitas na organização espacial se integram, permitindo desvendar como as sociedades a utilizam e transformam, a partir das relações socioculturais e econômicas que estabelecem” (MENDONÇA e KOZEL, *ibidem.*, p. 216), seja nos percursos diários de seus habitantes nas ruas, praças, espaços de vivência, convivência e de sobrevivência (figuras 5), ou nas sucessivas relações manifestadas no uso da cidade.

Figura 5 - Praça João Luis Ferreira - Centro de Teresina



Fonte: Landim, 2016.

Nesse contexto, ao refletir sobre o papel que as praças exercem na vida da cidade de Teresina, Dobal (1992, p. 19) expressa que,

Grande parte da vida da cidade passa nas praças, que desempenham aqui um papel mais importante do que talvez em qualquer outro lugar. Por causa do calor ou por uma inclinação natural dos habitantes, as praças estão sempre cheias de gente, tornando-se um centro de reunião obrigatória para quem quer participar da vida da cidade, o lugar onde se faz a crônica dos acontecimentos cotidianos, ponto de encontros e discussões, comentários e mexericos.

Desse modo, exaltada por literatos ilustres, Teresina é uma cidade que tem como motivação o verde exuberante de suas paisagens de outrora - resistentes às transformações urbanas - os rios que cortam sinuosamente seu espaço modificado pelas ações antrópicas. Contudo o sentimento de pertencimento dos cidadãos teresinenses e afetividade dos visitantes, permanece. É, pois nessa forma relacional - entre espaço e habitante - que se constitui a dinâmica da cidade, imprimindo-lhes significado através dos diversos lugares nela produzidos.

[...] São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano, e a seu modo de vida onde se locomove, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso [...]. Os percursos realizados pelos habitantes ligam o lugar de domicílio aos lugares de lazer, de comunicação [...] (CARLOS, 1996, p. 21-22).

Nesse particular, em exaltação poética à Teresina o poeta Tito Filho que em toda a sua obra declara seu amor à cidade, faz observações em torno de suas transformações e permanências. Imbuído de uma narrativa impregnada de símbolos, destaca lugares que inspiram poetas, cronistas, habitantes da cidade, transformando Teresina em literatura, motivando novas apropriações do urbano. Eis suas palavras,

Uma lindeza esta Teresina de ontem, de hoje, de amanhã. Afetiva, tranquila e pitoresca. Avenidas espaçosas, boas de passear de pé ou de automóvel... Teresina é um beijo quente de fraternidade. Manhãs e tardes coloridas. Corações alegres. Gente que gosta da humanidade, rezando o poema da convivência irmã. Dá gosto vê-la nas suas virtudes e nas suas desvirtudes. Simples, cativante, vale uma festa para o espírito... Deus é necessariamente cidadão honorário de Teresina (TITO FILHO, 1973. P.19).

E assim, Teresina mesmo diante do acelerado ritmo de urbanização - típico do mundo moderno - não consegue eliminar suas particularidades, visto que “[...] cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos de vida, formas de apropriação expressando sua função social, projetos, desejos” (CARLOS, *ibidem.*, p. 30). Dessa forma, a cidade encontra-se repleta de lugares, muitos deles acessados na memória de seus habitantes e no artifício da poesia, revelando que sua paisagem contempla uma dimensão simbólica que a eterniza.

## CONCLUSÃO

A análise empreendida sobre o espaço urbano de Teresina evidenciou uma cidade que se revela por distintas dimensões, concepções. Carregada de “intencionalidades” e “simbologias” imbricadas ao cenário piauiense, Teresina construiu sua história, suas raízes identitárias. Revelando o caráter gregário de seu espaço geográfico se estruturou e se metamorfoseou socioespacialmente norteadas por uma lógica de organização subjugada à coalizão de forças produtivas e intervencionismo estatal, onde cada um concedendo “qualidades” à cidade, à sua maneira produziu espaços de segregação e contradições, acelerando processos de modernização e suburbanização, paralelamente.

Assim, ancorada à uma economia terciária a cidade se fragmentou pelas especializações (re)codificando paisagens repletas de significados e símbolos. Em seus 164 anos de existência foi se reinterpretando distanciando-se de sua fisionomia inicial resgatada, maioria das vezes, nas representações socioespaciais criadas por ilustres poetas piauienses que ganharam relevante expressão na mídia e deram através da literatura visibilidade às experiências mais íntimas da cidade, retratando suas especificidades - sociais e naturais - em poesias, crônicas e textos literários. Culturalmente pluralizada, a cidade revestiu-se de novos conteúdos, itinerários e intercâmbios - em um movimento de adequação de seu espaço às condições de modernização - materializando momentos históricos distintos, com singularidades ao seu tempo, apreendidas em sua geografia e poesia.

**Trabalho enviado em Maio de 2016**  
**Trabalho aceito em julho de 2016**

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos S. P de. **Sentidos e nexos conceituais da cidade contemporânea**. In: cidades brasileiras - atores, processos e gestão pública. LIMA, Atonia Jesuíta de. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, p. 13-26, 2007.

\_\_\_\_\_. Carlos S. P de. **Representações do Calor em Teresina-PI**. Recife, 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Ciências Geográficas da UFPE.

BRASIL. **Anuário Estatístico 1950**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1950.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1950.pdf) > Acesso em 30 de maio de 2016.

BRASIL. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=22&dados=0> Acesso em 30 de maio de 2016.

BRASIL. **Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina**. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação - SEPLAM. Teresina (PI), 2016. Disponível em:  
< <http://semplan.teresina.pi.gov.br/ride-teresina> > Acesso em 10 de junho 2016.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec. 1996.

DOBAL. H. **Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992.

FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais na cidade**. Dissertação Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1998.

FILHO, A. T. **Teresina, meu amor**. 1. ed. Teresina: COMEPI. 1973.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

MACAMBIRA, Dalton Melo. **Piauí: uma visão sumária da economia e da sociedade**. In: Carta CEPRO, v. 18, n. 1, p. 39-65, jan. /jun. Teresina: Fundação Cepro, 2000.

MARTINS, Agenor de Sousa. [et al] **Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento**. 3. Ed. Teresina: Fundação Cepro, 2003.

MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

NUNES, Maria C. P. & ABREU, I. G. de. Vilas e cidades no Piauí. In: SANTANA, R. N. M. de (org.) **Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas**. Teresina: FUNDAP, 1996

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos**. Teresina: FUNDAPI, 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo: razão e emoção** - 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**; tradução Myrna T. Rego Viana. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Urbanização Brasileira**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009a.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

VIANA, Bartira A. da S. **O sentido da cidade: entre a evolução urbana e o processo de verticalização**. In: Carta CEPRO, v. 23, n.01, p. 66-75, 2005. Teresina: Fundação Cepro, 2003.